

# FICÇÃO E REALIDADE: UM PERFIL DA MULHER GRAPIÚNA NA VISÃO AMADIANA

Lílian de Sant'Anna Maia (UESC)

*O ficcionista social, portanto, será aquele capaz de representar nos seus tipos heróis a perdida unidade do homem, fixar aquele ser a quem roubaram horizontes, mas que, entretanto, aspira a ser íntegro numa sociedade que mutila (Lucas, 1997)*

## Resumo

Este trabalho está pautado nas questões femininas trabalhadas pelo escritor Jorge Amado no interior de sua obra, embora a trajetória desta pesquisa contemplará não só o que está na obra, ou seja, o que é ficcional, mas também o que sugere a realidade e como ela é percebida. Para que isso aconteça o objeto literário a ser analisado é a obra “Gabriela, Cravo e Canela” e a realidade a ser percorrida é a grapiúna, local onde a narrativa se desenrola.

**Palavras-chave:** Ficção, realidade, mulher, feminino, nação grapiúna.

## Introdução

A história ligada à transformação da sociedade no que concerne à condição feminina, até hoje é assunto polêmico. A mulher, desde a década de 20 no Brasil, luta em busca de um espaço dentro do contexto social, políticos e cultural.

A condição feminina está intimamente ligada às relações historiográficas do passado, onde as mulheres sempre estiveram atreladas a fatores religiosos que as colocavam como figuras excluídas do mundo do pensamento. Tal comparação estava associada à história que se conta de Adão e Eva, onde Eva mesmo sabendo que a maçã era um fruto proibido a comeu.

Na Europa Medieval, as mulheres não são apenas comparadas como não dotadas de pensamento, mas também, como figuras defeituosas por formação. Desse modo, elas tornaram-se uma figura demoníaca. Para melhor explicar esta colação, vale lembrar o que Jacques Sprenger, inquisidor e teórico da demonologia, diz a respeito:

(...) a mulher é mais carnal que o homem; vemos isto por suas múltiplas torpezas...existe um defeito na formação da primeira mulher, pois ela foi feita de uma costela curva, torta, colocada em oposição ao homem. Ela é, assim, um ser vivo imperfeito, sempre enganador. (ALVES, 1991, p. 24)

A definição preconceituosa não ficou apenas no final do século XVI, perdurou por muitos séculos. Estas definições ocasionaram a inquisição de muitas mulheres, principalmente aquelas que cometiam algo, que para o homem fosse uma afronta. Para estes tipos de mulheres só existia uma alternativa, a de serem queimadas na fogueira.

No século XVII, não mais na Europa e sim na América, observa-se uma outra postura no que concerne ao espaço concedido as mulheres, aparecendo assim, uma figura bastante importante, Ann Hutchinson e Abigail Adams para a luta das mulheres no contexto sócio-político.

Além de Ann e Abigail, existiram outras mulheres que sobressaíram na luta contra a opressão masculina, dentre elas: Simone de Beauvoir, que abriu caminho para importantes avanços na luta feminina. No Brasil existem algumas mulheres que através da literatura e engajamento político, marcaram sua história: Raquel de Queiroz, militante do PCB, foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, a escritora trabalha com questões ligadas ao Nordeste; Anita Mafalti, Tarsila do Amaral e Cecília Meireles.

E as figuras femininas acima citadas também fizeram parte do convívio social do escritor Jorge Amado, dentre elas: Raquel de Queiroz e Simone de Beauvoir. A primeira foi quem o levou para o PCB e a segunda ele conheceu quando estava na Europa exilado.

Desse modo, o escritor impunha suas idéias a respeito da mulher em suas obras, normalmente, as que se sujeitavam ser unicamente a mulher do coronel, tomando conta do lar e cuidando dos filhos, enquanto seu marido estava desbravando roças de cacau, não possuíam muita expressão na obra amadiana, figuravam apenas como mais uma personagem, muitas vezes até passando despercebida dentro da obra. Na obra Gabriela, Cravo e Canela, não se lembra só da figura de Gabriela por ser a protagonista do livro, lembra-se também de Malvina, Sinhazinha dentre outras mulheres. No tempo da narrativa (1958) a mulher já havia conquistado um espaço maior do que concerne à vida pública, ela já tinha adquirido o direito ao voto, além de começar a ocupar posições que outrora só eram preenchidas pela figura masculina.

Ainda que Jorge Amado se mostre atento e preocupado com as questões relacionadas a gênero, é bom lembrar que todos nós somos marcados por uma história, uma cultura, uma ideologia, impressas em nossos discursos, conseqüentemente, não se pode escapar disso. Assim, “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (Silva, 2000, p. 17).

Assim, o escritor não poderia deixar de representar, mesmo que simbolicamente, a imagem feminina como excluída da vida pública, como até então a sociedade machista tem reservado para as mulheres: apenas a vida privada.

### **1. A relação entre a ficção e a realidade**

Ao longo do tempo a literatura tem sido analisada por um viés histórico, uma vez que analisar o ficcional é muito mais trabalhoso, porque implica pisar em um terreno desconhecido, não factível. Pautado nesse fato o ser humano tem se constituído a partir de duas fundamentações históricas: uma religiosa, e outra científica, e no contexto literário tais fatores teocêntrico e antropocêntrico também operavam, visto que, embora a literatura (ficcional) não seja a realidade (fatos históricos) ela é a representação desse mundo real.

No que tange a ficção não se trata de mentira, mas algo que não é real e sim imaginário, pois no que tange a realidade, referimo-nos ao que de fato aconteceu ou acontece, ou melhor, é documentado, é fato. Assim, o real aqui estudado tem a ver com a história, embora, atualmente, a história seja também contestada, posto que nela permeia a ideologia de quem a conta, isto é, nela é retratada a visão de quem a escreve. Pois “O historiador nunca está ausente do enunciado que produz, e, sem levar o paradoxo a ponto de supor que todo livro de história é antes uma autobiografia do autor do que um levantamento científico de dados irrefutáveis (...)” (Vincent, 1997, p. 7).

A partir daí, percebe-se que tanto o ficcional é permeado pela história, quando a história é recheada de ficção, porque quem a conta expõe a sua verdade, a sua crença, os seus valores, que muitas vezes não é a verdade e valor do outro, assim a todo instante a história está sendo (des) construída. Leenhardt postula: “O ponto crucial é, a nosso ver, a atribuição de um conteúdo ficcional à narrativa histórica, entendendo-a como a representação de uma ausente – no caso, o ‘real-vivido’ ou a ‘passeidade’.” (Leenhardt, 1998, p. 21)

E no processo criativo (ficcional) do escritor Jorge Amado havia esta relação entre a ficção e a história. O passeio da primeira pela a segunda é bastante visível para os conhecedores da história de Ilhéus. Torna-se mais aparente quando o notável sociólogo brasileiro Darcy Ribeiro fala sobre o escritor amadiano: “ninguém escreveu, nem escreverá jamais, retratos tão fiéis, tão sentidos e tão belos do crioulo baiano” (Cadernos de Literatura Brasileira, 1997. p. 28)

Portanto, alguns espaços físicos, alguns personagens que foram descritos em diversas obras do escritor, possivelmente, figuraram e continuam figurando em nosso meio grapiúna que tão bem foram descritos por meio do processo ficcional.

### **1.1. O processo ficcional e realista na obra amadiana**

Os historiadores ainda de forma tímida expunham algumas questões referentes ao gênero, onde a figura feminina ganhava espaço dentro da vida pública saindo do casulo que era a vida privada. O escritor Jorge Amado, através de sua literatura, abre espaço em sua obra a um contexto em que abordava a temática ligada à mulher. Ele a analisava, contrapondo-a aos diversos perfis de figuras femininas.

O autor escreve o romance *Gabriela, Cravo e Canela*, em 1958 (tempo da escrituração), época em que a mulher ainda sofre uma série de discriminações, embora, o contexto literário fale da década de 20 (tempo da narrativa), período ainda mais discriminatório, até pelo fato da sociedade grapiúna se constituir patriarcal.

A partir do romance *Gabriela, Cravo e Canela*, amplia-se dentro da literatura o tratamento das relações de poder, ganhando espaço uma nova temática que não mais se relacionava à perspectiva de classes e sim de gênero.

Os diversos tipos de mulheres apresentados através da obra *Gabriela*, a se fazer uma reflexão, configuram a trilogia segundo o autor (Cf. Da Matta, 1993, p. 147), seguindo uma triangulação apresentada como virgem-mãe-puta.

Quando se faz uso desta triangulação obtemos a imagem de diversas personagens que contextualizam diferentes momentos desse processo. Buscam através desta síntese histórica representar as diversas trajetórias femininas, a qual as mulheres estão tentando encontrar a sua realização pessoal além da superação do machismo.

Dentro de todo esse contexto a região grapiúna teve algumas mulheres que figuraram marcando presença forte, dentre elas: Amélia Amado, Maria Pinheiro, dona Guilhermina.

A maneira marcante que Jorge Amado caracterizava suas personagens mostra como o escritor vê a mulher. O universo do autor, no que concerne à imagem feminina é diversificado. Para ele, existe a mulher doméstica, a mulher amante, a mulher virgem e solteira. Cada uma tem um comportamento variado, vai da beata até a prostituta, embora cada uma Possua uma história de vida e tenha uma importância fundamental dentro da obra.

As mulheres que protagonizam seus romances têm uma presença forte. Geralmente mostram que são boas tanto em suas atividades domésticas como na arte de amar. Normalmente são bonitas e são donas de um encanto de tirar o fôlego masculino.

Estas mulheres são a imagem das mulheres descritas por Jorge Amado: lindas com a pele mulata, característica de muitas mulheres grapiúnas e o corpo belíssimo. O escritor também retratava o modo de vida dessas mulheres dentro da sociedade patriarcal, as quais viviam muitas vezes enclausuradas e o único lugar que podiam ir era à igreja, por ser a casa de Deus. Assim se comportavam as mulheres grapiúnas, deviam obediência aos seus maridos e quando aparecia uma figura feminina que desafiava os costumes e atitudes da época era taxada como subversiva, sofrendo punição por ser uma ameaça para a sociedade patriarcal (conservadora).

Um exemplo cabal de subversão feminina dentro da sociedade grapiúna, é o de Maria Pinheiro, mulher que tinha idéias próprias, independentes, militante política. Ela rompeu com todos os paradigmas, cursou odontologia, dirigiu carro, vestiu calças, peça que naquela época só cabia aos homens. Esta mulher viveu na região grapiúna de um cenário real.

Portanto, o processo ficcional e real nas obras amadianas, realiza-se por intermédio do entrecruzamento do ficcional e do realista revelado na obra *Gabriela, Cravo e Canela*, quando o escritor aproveita para fazer referência a dona Guilhermina, sua primeira professora. Ela costumava castigar os alunos usando a palmatória e ajoelhando-os sobre os grãos de milho. Tal professora ganha vida em seu romance sendo retratada como Mão de ferro: “ - Pode ser tudo que vocês quiserem. Para mim, para ensinar o bê-a-bá, não tem ninguém como dona Guilhermina. Mão de ferro. Filho meu é com ela que aprende a ler e contar. Isso de ensinar sem palmatória...” (Amado, 1982. p. 27)

## **1.2. O entrecruzamento do ficcional e o realista na obra “Gabriela, cravo e canela”**

No item anterior, intitulado como: “O processo ficcional e realista da obra amadiana” inicia o entrecruzamento da ficção e da realidade através de uma personagem feminina conhecida como Dona Guilhermina, uma vez que tal personagem passeava no circuito da realidade. Desse modo, este item tem por objetivo delimitar o processo de entrecruzamento, ao passo que fará o recorte das figuras femininas no âmbito da ficção e da realidade do romance *Gabriela, Cravo e Canela*.

Entendendo a ficção como parte da disciplina literatura e a realidade como parte da história, percebe-se que elas se convergem, no que tange a construção identitária, posto que ambas se apresentam como representações do mundo social ou como práticas discursivas significativas que agem como métodos e fins diferentes. (Leenhardt, 1998, p. 20)

O entrecruzamento da literatura com a história na obra *Gabriela* se dá pela semelhança das mulheres que habitavam a região grapiúna descritas pelo escritor Jorge Amado e as mulheres baianas descritas por alguns teóricos. Um professor de Vilhena, no século XIX delinea a imagem feminina baiana da seguinte forma:

Será que essas mulheres da Bahia não simbolizam toda a opulência que Vilhena procura demonstrar? Existe aí, antes de tudo, uma adaptação necessária ao clima, evidenciada na simplicidade dos trajes de qualidade; há a fidelidade às amizadas e o zelo da solidariedade; há o ciúme de uma Europa invejada e imitada; há o gosto do cerimonial, do luxo necessário para honrar

a Deus e aos santos; há, é claro, a preocupação em aparecer, mas também o gosto de conversar; há, enfim, a beleza dos corpos. (Novaes, 1998, p. )

Esta mulher baiana descrita pelo professor de Vilhena corresponde tão-somente à imagem feminina representada na obra amadiana, Gabriela, visto que as esposas dos coronéis e até mesmo as amantes vestiam-se bem, imitando os trajes das mulheres européias. Embora, sabe-se que a primeira era mulher que vivia no âmbito da vida privada, e a segunda tinha a liberdade de transitar nos meandros da vida pública, no entanto, todas de uma elegância. As mulheres que viviam no âmbito privado eram descritas da seguinte forma quando habitavam o espaço público: “Certas senhoras de sociedade, numa promessa combinada durante o último baile do Clube Progresso, acompanhavam a procissão de pés descalços oferecendo sua elegância ao santo, pedindo-lhe chuva.” (Amado, 1982. p. 16)

O entrecruzamento do ficcional com o real aparece não só por intermédio das figuras femininas, mas através dos espaços onde circulavam as suas personagens romanescas: o Teatro, o Porto, o Bataclan, o Vesúvio, as ruas, etc. Todas as descrições fazem o público leitor se reportar para tais lugares.

O escritor Jorge Amado em uma entrevista aos Cadernos de Literatura Brasileira revela que no princípio da sua carreira possuía a preocupação de manter a ligação da literatura com a realidade. Contudo, a literatura vista como o discurso da ficção é “quase história”, ao passo que os acontecimentos relatados são fatos passados para a voz narrativa, como de fato tivesse realmente ocorrido.

Assim, o entrecruzamento do ficcional com a realidade pode ser constatado no romance amadiano, percebido por meio da identificação de pessoas que viveram naquele tempo histórico e são reconhecidas nas personagens femininas, ora destacadas na narrativa. Tem quem diga na terra grapiúna que a avó foi a Gabriela, a Malvina, Dona Gloria da Janela (amante do coronel...), a mulher de um dos coronéis, etc.. Cada mulher que pertencia à nação grapiúna possuía um perfil, que foi representado tão bem pelo escritor Jorge Amado.

## **2. O perfil da mulher grapiúna na visão amadiana**

As mulheres amadianas eram descritas sob dois aspectos, o da vida privada e o da vida pública, entretanto, o escritor Jorge Amado dispensava maior atenção àquelas que faziam parte da vida pública, já que estas rompiam com os paradigmas da época (tempo da narrativa, 1925; tempo da história 1958).

A configuração de um tempo, tempo este marcado por Jorge Amado tanto na época de sua escrituração (1958) quanto pelo tempo da narrativa (1925-1926), vem ganhando pertinência quando o mesmo ampara-se pelas décadas de 20 e 50, momentos bastante importantes para a construção feminina no cenário histórico.

Na década de 20 a mulher abriu a luta pelo direito ao voto, vindo a conquistá-lo em 1931 (período em que Jorge Amado se consagra como escritor do romance País do Carnaval), apesar do voto feminino ser facultativo. Embora na década de 50 a mulher conquistasse um mercado muito mais aberto para as questões femininas, ainda assim o papel continuava sendo o de mãe e esposa dedicada, aquela que cuida de casa para esperar o provedor da família, o homem, com o intuito de dar-lhe conforto no retorno ao seu lar. Mas mesmo assim existiam mulheres que transpunham estes papéis. Neste período, muitas Malvina(s) e Gabriela(s) surgiram no contexto do real.

A criação das personagens Malvina e Gabriela define bem a mudança paradigmática do escritor tanto o rompimento com a sua ideologia, enquanto militante

do PCB. A personagem Malvina acredita em seu sonho de liberdade e sai em busca dele, mesmo depois de ficar desiludida com seu amor. Já Gabriela representava a liberdade, embora a mesma tenha momentos que se encontrava presa diante de uma situação social (casamento) ao qual ela só veio dar conta após a realização do ato, tornando-se insatisfeita com a situação e buscando sua felicidade longe das convenções sociais.

Estas duas figuras marcantes no romance amadiano caracterizavam um rompimento de fronteiras. Pois, o que outrora era verdade, não mais configurava como verdade. E é neste período, que o escritor decepciona-se com o seu ídolo Stalin. Desse modo, a premissa que todo o produtor de uma obra literária imprime é a sua ideologia, cultura e história.

Logo, o escritor a partir da constituição de seus personagens femininos (tem a ver com gênero) que ora representavam a vida privada, ora representavam a vida pública, possivelmente, tenta evidenciar algumas questões sociais emergentes regional e universal as quais têm sido silenciadas por uma classe hegemônica que muitos escritores faziam e fazem parte.

### **3. A constituição dos personagens femininos da obra amadiana, “Gabriela, cravo e canela”**

O romance Gabriela está recheado de figuras femininas, cada uma representava simbolicamente um povo e uma cultura, e a cada uma delas era atribuído um valor. O valor poderia ser o de mãe-esposa, virgem-solteira, puta. Muitas dessas mulheres subverteram a ordem, pois neste período a sociedade era patriarcal. A seguir será apresentada a constituição da imagem das personagens amadianas da obra Gabriela, Cravo e Canela.

#### **3.1. Gabriela, a mulher menina**

Gabriela aparece no romance amadiano como uma mulher que não está vinculada ao mundo criado pelos coronéis da região grapiúna. O universo da personagem é voltado para liberdade ainda não conquistada por figuras femininas, principalmente aquelas que estavam atreladas a uma classe não privilegiada.

Figura feminina desenhada por Jorge Amado, Gabriela contextualiza em um espaço definido: Ilhéus. Sua representatividade vai além da fronteira ilheense, abrangendo toda a Bahia no que se refere aos atributos físicos. Mas ao se tratar do comportamento da protagonista, pode-se ir além das fronteiras nordestinas e abarcar um cenário o qual almejavam todos os cidadãos, uma sociedade justa e igualitária. Gabriela com a sua liberdade e livre de preconceito, tratava todos, de coronel ao menino de rua sem fazer distinção, entrava e saía de qualquer lugar.

O estereótipo de Gabriela, apesar de ser um pouco caricatural, para a maioria dos leitores é a figura que se assemelha ao povo brasileiro, principalmente, no tocante a identificação com uma série de mulher brasileira.

Baseando-se em que postula Susana Pravaz existem três estilos de mulher, a doméstica, a sensual, a combativa. Analisando estes três tipos femininos pode-se concluir que a protagonista acima citada reúne todos esses estilos. (Pravaz, 1981)

Gabriela se constituía uma exímia cozinheira e cuidava dos serviços da casa como ninguém. Embora, Pravaz defina a mulher doméstica como um centro aglutinador, a rainha do lar, mulher abnegada, enfim mãe de família, coisa que não podia atribuir a personagem, que apesar de ser quituteira não possuía nenhum dom para ser mulher e

esposa. Por outro lado, possuía uma sensualidade marcante, muitos homens suspiravam pela mulata. Assim sendo, Gabriela pode ser considerada a sensual. Susana Pravaz em sua obra “Três Estilos de Mulher: a doméstica, a sensual, a combativa”. Deixa bem evidente que o território da mulher sensual em sua relação com os homens, sua função é conquistar o olhar e a atenção das pessoas que a rodeiam. Percebe-se que esse atributo é marcante em Gabriela.

Era combativa por enfrentar tudo e a todos de uma sociedade que zelava para manter a ordem e os bons costumes da cidade. Pravaz caracteriza esse tipo de mulher da seguinte forma:

Nesta opção a Mulher se mostra como a trabalhadora potente, a guerreira que defende seu orgulho, a pessoa independente e auto-abastecida. Se território de combate, a luta pela vida, a superação de desafios. Sua tarefa, fazer-se cargo das situações em que se encontra e conseguir soluções, às vezes dramáticas, talvez heróicas. (Pravaz, 1981)

É bom lembrar que apesar de todas as características (doméstica, sensual e combativa) traçadas pelo escritor no que concerne à personagem, ela não se dava conta disso, principalmente da sensualidade. Ela possuía tal atributo e não conhecia o seu poder de sedução. Por isso, Gabriela era uma mulher menina.

### **3.2. Sinhazinha, a mulher adúltera**

Sinhazinha Guedes, esposa do coronel Jesuíno Mendonça, mantinha um relacionamento amoroso com um dentista, conhecido por Dr. Osmundo Pimentel. Mulher sensual, não conseguira resistir aos encantos do odontólogo.

A moral dentro de uma sociedade patriarcal e acima de tudo machista era preservada com unhas e dentes. No entanto, a única coisa que restava para erguer a moral de um homem traído era matar a esposa e seu amante.

Sinhazinha casou-se cedo com o coronel Jesuíno Mendonça, vinte anos mais velho. Principal organizadora das festas da igreja São Sebastião (cenário real), dona de uma ilibada moral, até então, nunca deu o que falar durante todos os anos que permaneceu casada.

Dentro de toda essa tragédia ela era vista como adúltera e seu marido como vítima de todo o acontecimento, porque a única coisa que fez foi lavar a sua honra com sangue. Para os homens a mulher não tem razão para trair e se Sinhazinha traiu não tem honra.

Para alguns homens a adúltera era heroína, senhora honesta que foi seduzida. Para outros, Sinhazinha era uma pecadora que feria a honra de um homem. O acontecido foi comparado à história de Adão e Eva que comeu o fruto proibido, assim, traiu Adão. A personagem não só vivia cuidando do seu lar, ela era uma mulher que ia ao cinema e bailes, e tinha uma certa liberdade para aquele tempo e espaço. A adúltera Sinhazinha foi comparada pelos moradores de Ilhéus ao mito de Ofenísia.

### **3.3. Ofenísia, o mito**

Ofenísia, prima dos D'Ávilas, mulher bonita, romântica, porém teve uma morte. A moça fazia parte dos antepassados da família D'Ávila, dona de uma beleza estonteante que inspirou o poeta Teodoro de Castro e apaixonou-se pelo Imperador D. Pedro II.

A figura representada por Ofenísia constituía um amor intransponível onde nada poderia vencer tal amor a não ser a morte. Homem nenhum para Ofenísia importava só o amor do imperador.

A história de Ofenísia tornou-se mito pelo fato de ter acontecido há muito tempo e por se esgotar na morte dela. A mesma não se importava de ser amante do Imperador. Diante desse fato, o irmão de Ofenísia, o coronel Antônio D'Ávila teve que trancafiá-la a sete chaves fazendo assim que sua irmã morresse de desgosto. A dramática história da vida de Ofenísia poderia ser comparada a de moças que morreram por amor como Julieta (Romeu e Julieta) e Marília (Dirceu e Marília).

Jorge Amado conseguiu entrelaçar em um único livro vários tipos de mulheres e buscou a intertextualidade para enriquecer a sua obra, no momento que faz a comparação entre Ofenísia e Sinhazinha e os dois fatos dramáticos e trágicos dos clássicos de Romeu e Julieta e Dirceu e Marília.

### **3.4. Quinquina e Florzinha, as irmãs beatas**

Dois mulheres que vivem para a religiosidade, pregando a moral e os bons costumes da cidade. Facilmente encontramos estes tipos em outras sociedades. Quinquina e Florzinha conhecidas como irmãs dos Reis, sempre estavam juntas, e tudo que desenvolviam era de comum acordo, nunca divergiam em suas opiniões.

Quinquina e Florzinha se diferenciavam uma da outra fisicamente: a primeira era gorda e alegre e a segunda era franzina e nervosa. Quando se tratava de religião, ambas possuíam os mesmos gostos, no entanto quando se tratava de política, Quinquina tinha preferência pelo saber do Doutor Pelópidas de Assunção D'Ávila (que não era doutor), mesmo sem entender uma só palavra de seu discurso para a Intendência. Já Florzinha mostrava sua preferência pelo Capitão Miguel Batista de Oliveira (que não era Capitão).

Mulheres solteiras e de idade avançada, quando jovens eram irrequietas e festeiras vindo a se tornar um mistério para a sociedade ilheense que passou a não compreender o porquê de ambas não se casarem, uma vez que conseguiram, enquanto novas uma série de pretendentes. Alguns moradores mais antigos de Ilhéus arriscavam uma opinião dizendo que elas escolheram demais e acabaram sozinhas.

As irmãs beatas sobressaíam-se pela beleza e magnitude de seus presépios, cada ano que passava, tornavam-se maiores e mais bonitos. Elas também conseguiam chamar a atenção por serem doceiras eméritas, mãos de fadas na cozinha. (Amado, 1982, 54) Quinquina e Florzinha eram herdeiras de uma boa casa na Rua Coronel Adami (cenário real), além de três outras casas na Praça da Matriz. Elas viviam de aluguéis, mesmo com a pressão social que colocavam que as mulheres deveriam constituir família ou viver uma vida totalmente voltada para a religiosidade. Observa-se que tais feitos não aconteceram com as duas irmãs Reis. Ambas mantiveram-se virgens, dedicando-se a vida religiosa, mas longe dos conventos.

Assim, as irmãs Reis também transpuseram barreiras sociais, posto que ambas não mantiveram um comportamento comum para época, visto que na década de 20, quando a mulher da elite não se casava era mandada para conventos com o intuito de seguir os passos religiosos e não cair em tentação. Este era o pensamento da sociedade patriarcal que ostentava um certo poder aquisitivo.

### **3.5. Anabela, a bailarina**

Mulher belíssima que vem da capital com uma cultura divergente da local (ilheense) para dançar. A loira, Anabela choca algumas mulheres conservadoras, embora encante as mulheres que sonham com o luxo e a beleza.

Anabela por ser uma mulher que representava a vida pública, para a década de 20 (tempo da narrativa), em uma sociedade machista, jamais servia para o casamento.



Mulher de gosto refinado, fisicamente era perfeita, contudo, mesmo para o Rio de Janeiro, capital do Brasil, na época, ainda estava longe de ser a mulher de família.

O estarecimento diante da beleza de Anabela foi grande, no entanto o valor dado ao mesmo, enquanto mulher foi tão pequeno que se pode notar isso na passagem do romance quando Mundinho Falcão propõe a Nacib que a bailarina dance em seu bar:

Não quer contratar a moça pra dançar no seu bar? Ela tem uma dança dos véus, meu caro, seria um sucesso...

Nacib levantou as mãos:

- No bar? Isso é pro cinema ou pros cabarés...Eu tou querendo é uma cozinheira. (Amado, 1982, p. 73)

Anabela, mulher de costumes diferentes dos ilheenses, embora a cidade também vivencie situações parecidas no que diz respeito às questões de mulheres que não vivem em uma vida privada. Assim, como Anabela, encontra-se a figura de Glória, amante do Coronel Coriolano Ribeiro.

Anabela e Glória viviam dentro do mesmo tempo narrativo, entretanto, configuravam um espaço diferente. E a partir de cada espaço o comportamento moldava-se de forma diversificada.

### **3.6. Glória, na solidão da janela**

Glória, mulher solitária, embora tem como amante o coronel Coriolano, homem casado que só aparece em sua casa de vez em quando. Apaixonada pelo Professor Josué, o qual mantém um relacionamento, embora o professor se derreta de paixão por Malvina.

Mulher sensual e visada por todas as mulheres que diziam clamar pelos bons costumes. Glória ficava à janela com seus seios fartos expostos e seu grande decote escandalizando, principalmente as solteironas, quando passavam para ir a igreja. As beatas culpavam a mulher achando que se expunha demais e que os homens pecavam sem querer.

Glória passava a maior parte do tempo sozinha, uma vez que seu amante, vivia a maior parte do tempo cuidando da fazenda e de sua família, sem poder desfrutar de lugares que as mulheres tidas como de família freqüentavam (igreja, teatro, cinema etc.). A personagem residia no centro da cidade, próximo à igreja, e isso incomodava as mulheres achando um desrespeito, principalmente as moças virgens que ali passavam para ir à igreja. Para o homem manter uma amante era normal.

Nota-se a superioridade do homem em relação às mulheres: enquanto eles podiam ter amantes, sem precisar se esconder, para as mulheres só restavam a submissão que era conceituada como respeito aos seus maridos.

A personagem nutria uma paixão pelo Professor Josué, seu comportamento frente ao rapaz era repreensível, pois quando o homem passava, Glória suspirava quase em gemido explicitando sua ânsia, tristeza, indignação e desejo pelo professor. Como o professor ardia de amor por Malvina, Glória a antipatizava.

### **3.7. Malvina, uma feminista nata**

Mulher subversiva para a época em que viveu (entre 1925 a 1926) dentro da ficção amadiana. Malvina era admiradora de Gabriela porque ela agia de maneira livre e sem se preocupar com as opiniões alheias.

Filha do Coronel Melk Tavares, figura totalmente autoritária, cuja esposa não cabia o direito nem de estar na sala quando o mesmo encontrava-se conversando com

outros coronéis do cacau. Assim o coronel pretendia educar Malvina, para ser esposa, dona de casa e que só teria o direito de concluir o curso normal no Colégio de Freiras.

Malvina transpunha seu tempo porque não pretendia ser igual à mãe, pois, já mostrava isso através de seu comportamento, posto que se diferenciava das moças de sua idade. Malvina lia livros literários que no conceito masculino não deveria ler. Ela queria trabalhar e ingressar na faculdade, coisas que não eram permitidas em uma sociedade patriarcal.

Mesmo sendo “moça de família”, Malvina enfrentou seu pai para continuar o romance como o engenheiro casado que estava ajudando na construção do Porto de Ilhéus. Diante da decepção da moça frente à fraqueza do namorado que fugiu com medo do Coronel Melk Tavares, ela em busca da possível liberdade foge de Ilhéus e vai viver em outra cidade.

A personagem se difere das figuras femininas do romance porque é filha de um coronel e não se deixa levar por valores conservadores abandonando tudo e seguindo a sua crença: trabalhar fora do cárcere privado e estudar em universidades. As outras personagens sonhavam em casar ou ter uma liberdade, embora não cultivassem esse pensamento feminista consciente. Dona Filomena é a prova cabal dos costumes conservadores impressos na época.

### **3.8. Dona Filomena, conservadora da instituição família**

Mãe, mulher que sonha em ficar ao lado de sua família, embora goste de trabalhar com Nacib, abandona-o por causa da oportunidade de unir a família. Uma figura feminina na região grapiúna que tenha o comportamento de Dona Filomena não é de se estranhar. Neste tempo e neste espaço tudo estava voltado à instituição família.

Mulher prendada e trabalhadora, de confiança, mas rabugenta, só foi reconhecida como importante no contexto do Bar Vesúvio no momento que vai embora. Nacib pouco valorizava dona Filomena. Quando a perde, dá conta de seu valor.

Dona Filomena imprimiria o estilo de mulher doméstica, aquela que ansiava por ter sua família e viver ao lado dela. Ela fazia parte de uma sociedade patriarcal que tinha como objetivo maior a unidade familiar, apesar de Nacib como homem e machista nunca perceber algo a mais em Dona Filomena, a não ser enxergá-la como uma simples cozinheira.

O sonho de todas, melhor, quase todas as mulheres que viviam em 1925, era ser mãe e viver este papel dentro da sociedade. Agora Dona Filomena poderia sentir-se uma mulher que obteve êxito em seu papel, cuidando do seu filho que em breve casaria. Desse modo, associando o perfil desta personagem ao das mulheres, é possível perceber como o autor faz o jogo da história com a literatura não perdendo a coerência entre o tempo e o espaço.

Como coloca Antônio Cândido, na literatura marca-se não só o tempo e o espaço dos personagens, mas no período modernista pontuam um tempo e espaço que também foi vivido pelo autor e retratado com tamanha sensibilidade, ou melhor, captada e construída e interpretada pelo escritor por intermédio da literatura. (Cândido, 1967)

Portanto, o escritor Jorge Amado, possivelmente buscou perfilar suas personagens que constituíram o enredo da obra *Gabriela, Cravo e Canela* de modo que a população leitora viesse a se identificar com as diversas construções femininas, ou até mesmo, os possíveis leitores atuais possam (re) construir a história da conquista feminina por meio das personagens acima descritas.

#### 4. Considerações Finais

Este estudo ampliou a visão interdisciplinar entre a literatura e a história por meio do seu entrecruzamento, revelando assim um outro olhar, o de como fazer a literatura sem precisar entrar no mérito de diferenciá-las ou até mesmo confrontá-las, não atribuindo um grau de importância para cada uma dessas disciplinas, mas sim, relacioná-las atribuindo a cada uma o mesmo “valor”.

Entender que a ficção não é mentira e que a história é tão real quanto o ficcional, uma vez que ambas são representações da cosmovisão de seu criador é gratificante. Mais emocionante ainda é perceber que o escritor Jorge Amado ao traçar em sua obra *Gabriela, Cravo e Canela*, o perfil da mulher, evidenciou uma época que a luta feminina possuía um caráter tímido, porém a sua obra trouxe um caráter polêmico que levou as pessoas a refletirem sobre as questões femininas e muito mais, sobre as questões sociais e políticas da região grapiúna.

As mulheres na obra amadiana, *Gabriela, Cravo e Canela*, representavam apenas a liberdade que outrora não era conferida a figura feminina no Brasil, e muito menos na região grapiúna, onde os mandatários (coronéis) e a sociedade se configuravam como patriarcais

Este símbolo de “liberdade” mostrado por Gabriela, Ofenísia, Sinhazinha, Malvina, Glória, Quinquina, Florzinha, Anabela e Dona Filomena, personagens marcantes dentro do romance, revelavam os dois lados da moeda, isto é, como Jorge Amado visualizava a mulher: de um lado está a não vinculada a um mundo criado pelos coronéis, e do outro a mulher ligada a esse mundo coronelista, embora de uma maneira ou de outra todas rompessem com o que se tinha socialmente como ideal. Elas rompiam com as barreiras da vida privada e começavam a lançar-se na vida pública.

Assim, como todas as personagens acima mencionadas no contexto grapiúna, muitas mulheres também começaram a lançar-se no início do século XX na vida social e política da região: Amélia Amado, Maria Pinheiro, então muitas Gabriela (s), Malvina (s) apareceram. Daí, perceber o quanto a ficção e a realidade estão entrelaçadas. E nada melhor do que a literatura amadiana para corroborar com tal preceito. Além disso, como diz Leenhardt: “O que constitui o fundamento comum do discurso histórico e do ficcional é a ‘vontade de representar na linguagem os fatos e os acontecimentos segundo a modalidade do verossímil’”. (Leenhardt, 1998, p. 42)

#### 5. Referências Bibliográficas

- ALAMBERT, Zuleica. **Feminismo. O ponto de vista marxista**. NOBEL. São Paulo. 1986.
- ALBORNOZ, Suzana e Conceição Carrion. **Na condição de Mulher**. Grupo Ação Mulher. Rio Grande do Sul. Faculdade de Santa Cruz do Sul. 1985.
- ALVES, Branca Moreira e Jaqueline Pitanguy. **O que é feminismo**. 8ª ed. São Paulo. Coleção Primeiros Passos. 1991.
- AMADO, Jorge. **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo. IMS. Nº 3. 1993.
- \_\_\_\_\_. **Gabriela, Cravo e Canela**. 62ª ed. São Paulo. Record. São Paulo. 1982.
- BARBOSA, Carlos Roberto Arléo. **Notícia Histórica de Ilhéus**. 2ª ed. Bahia. 1987.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História. Novas perspectivas**. São Paulo. Editora Universidade Estadual. 1992.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociologia**. 2ª ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1967.

- CÂNDIDO, Antônio e José Aderaldo Castello. **Presença da literatura brasileira**. 2ª ed. São Paulo. 1967.
- GOLDMANN, Lucein. **Sociologia do romance**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra Ltda. Vol. 3. 1967.
- KOSHIBA, Luiz e Denise Manzi Frayze Pereira. **História do Brasil**. São Paulo. Hucitec. Volume 03. 1989.
- LEENHARDT. Jacques e Sandra Jatahy Pesavento (Orgs). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. São Paulo. UNICAMP. 1998.
- LUCAS, Fábio. **O caráter da ficção no Brasil**. 2ª ed. São Paulo. Editora Ática. 1997.
- PERROT. Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo. UNESP. 1998.
- \_\_\_\_\_. **Os excluídos da História: operários, mulheres prisioneiras**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.
- PRAVAZ, Suzana. **Três estilos de Mulher: a doméstica, a sensual, a combativa**. Rio de Janeiro. 1981.
- PROST. Antonie e Gerard Vicent (Org.). **História da vida provada. 5. da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo. Companhia de Letras, 1992.
- RIEDEL. Dirce Côrtes et al. **Narrativa: Ficção e História**. Rio de Janeiro. IMAGO. Colóquio UERJ. 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferenças: A perspectiva dos Estudos culturais**. 5ª ed. Petrópolis – RJ. Editora Vozes, 2000.
- SIMOES, Maria de Lourdes Neto. **Comunicação ficcional em tempo de revolução**. Ilhéus. Editus-UESC. 1995.
- TAVARES, Paulo. **Criaturas de Jorge Amado**. São Paulo. Martins. 1990.